LISBOA — TERÇA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 53 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, L.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibes

O SR. mnistro da agricultura anda cuidando do abastecimento do açucar, mas já nos vae dizendo que, para haver abundancia dele, terá de encarecer um pouco. A liberdade de comercio, torna-se desta sorte, uma especie de tabelamento que, em vez de ser feito pelo ditador dos viveres é obra e graça dos comerciantes.

***

O BANCO de Portugal prepara-se para lançar no mercado o seu avultado «stock» de papel-ouro. O governo, que deve ter em seu poder uns 130 mil contos, talvez o imite. Um dos nossos Bancos mais importantes, que padece uma certa fome de ouro, espera aproveitar a ocasião para se fartar.

***

AQUI damos um trecho da entrevista do sr. ministro do comercio com um jornal da manhã, em que as previsões são verdades de senso vulgar:

—Se o governo obtiver maioria, governa; se não a obtiver dará lugar a quem de direito; e se, porém, nenhum partido puder governar com as suas próprias forças, passaremos, então, a viver, por vontade da nação, permanentemente, em regimes de concentração.

Tudo isto é certo como os pontos cardeaes!

***

UM jornal da manhã diz-nos que a vivacidade irrequieta do Partido Popular se propõe disputar todas as minorias nos circulos do paiz, ilhas e colónias.

Se a comprida lista de deputados e senadores apresentada, conseguisse vingar inteirinha, teriamos os populares senhores de Portugal e dos Algarves, d'áquem e além-mar, da Etiopia, Arábia, Persia e India, esta ultima sob a regencia do sr. Prazeres da Costa.

Não deixa de ser interessante a energia com que se atira para a luta eleitoral a falange do sr. dr. Julio Martins. O seu partido possue figuras para todos os paladares.

E saibam as más-linguas que afirmam que a nau popular está crivada de rombos, que o perigo passou: o partido vae propôr para seu novo deputado o sr. Vasques Calafate.

***

O NOSSO amigo Lopes de Oliveira, que há pouco ainda era chefe do gabinete da presidencia do ministerio, já se encontra em passeio pela serra da Estrela, a 1:970 metros de altitude.

Tratando-se dum homem alegre, falador, amavel, com uns olhos simpáticos e uma cabeleira romantica, muita gente, ao sabê-lo tão alto, julgou que se convertera um desiludido da vida. Parece, porém, que o caso não é tão delicado, pois que Lopes d'Oliveira preocupa-se ainda com o problema da batata, entre os serranos:

—E' abundantissima a batata: batata casca de carvalho, batata vermelha, batata amarela, batata branca, batata rasteira, batata redonda, batata ova e a comprida, grossa e espalmada. O paraizo de Parmentier.

A liberdade do comercio

O sr. dr. Antonio Granjo, numa entrevista que concedeu a um redactor de *O Seculo*, falou da liberdade de comercio e da necessidade de se estabelecer quanto antes, a fim de regressarmos ao regime normal que vigorou até agosto de 1914.

O sr. dr. Antonio Granjo é trasmontano e portanto franco e decidido nas suas apreciações. Esta rude sinceridade, porém, nem sempre sugere uma linguagem perfeitamente politica.

Assim, referindo-se ao abastecimento de Lisboa e Porto, não tem duvida em afirmar que estas duas cidades oneram o resto do país com um encargo de cem mil contos, para poderem comer pão barato. E logo a seguir sai-se com esta: «—...ha ainda a injustiça revoltante de que a assistencia do Estado aproveita a pobres e a ricos».

Para as pessoas de raciocinio simplista que ligam os fenomenos mais por suas relações aparentes que reais, o sr. ministro do comercio ha de parecer um inspirado.

No entanto, embora muito apreciemos as belas qualidades do seu espirito e do seu caracter, achamos que desta vez ele escusava de ser tão afirmativo, para não dizermos dogmatico. O sacrificio que o Estado tem feito em proveito das cidades de Lisboa e Porto, algumas vezes se alargou a outras povoações, bastando que estas mostrassem carecer do seu auxilio.

Não se trata, pois, de encarar uns como filhos e outros como enteados.

Ninguem julgue que, procedendo desta maneira, ele se propôs beneficiar poucos á custa de muitos, engordar a Moagem para esfomear o povo. Sendo Portugal um país fortemente deficitario em cereais e tornando-se dificil o fornecimento dos mercados durante a guerra, o Estado viu-se obrigado pela força das circunstancias a tomar á sua conta exclusiva um serviço de abastecimentos, que aliás só raramente beneficiou, entre nós, dos efeitos salutares da concorrencia. Porque é bem que se saiba—o comercio de cereais nunca se exerceu na mesma situação de liberdade que os outros comercios.

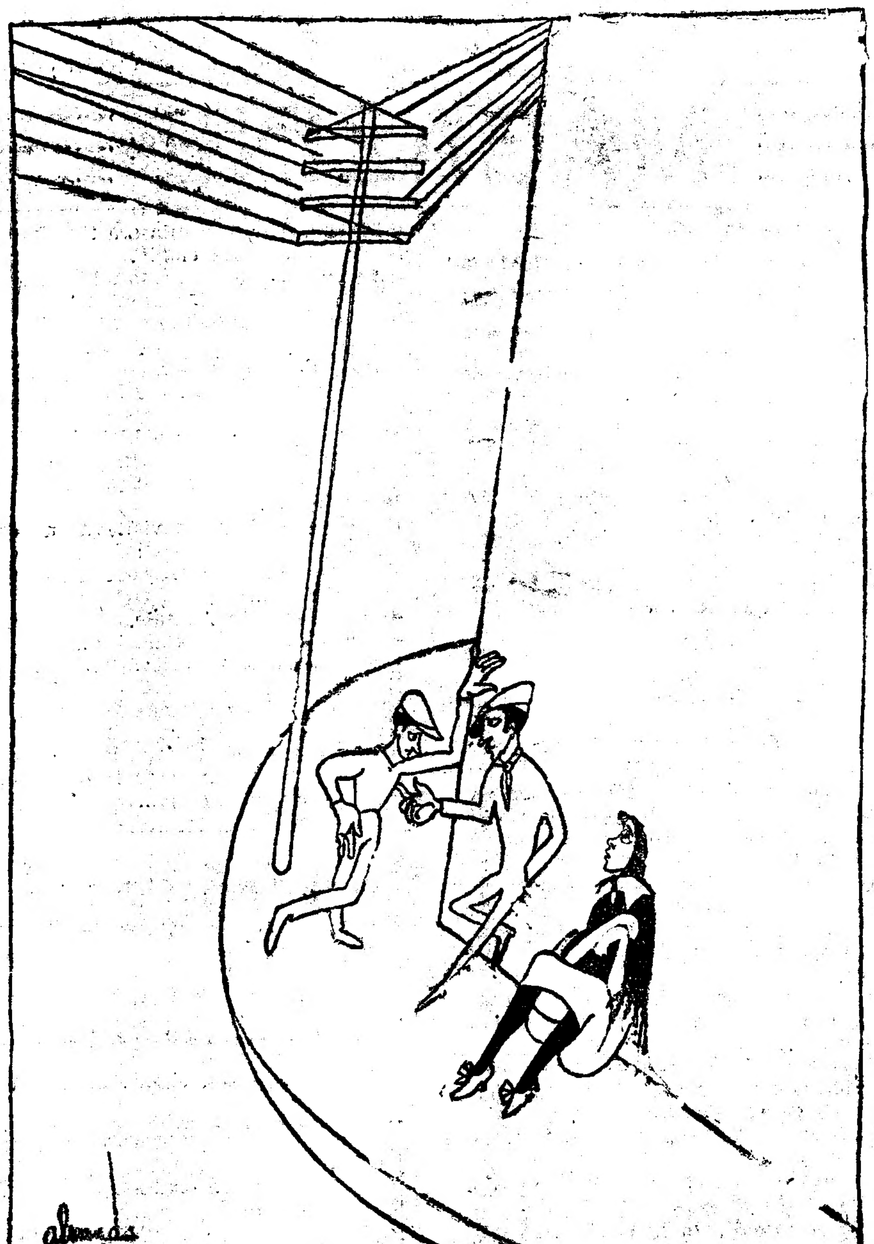
O Estado, a fim de garantir á nossa agricultura um preço remunerador, submeteu-o a um regime especial de que resultou logicamente Lisboa e Porto comerem o pão com frequencia mais caro que as outras terras. O que ele teve de fazer, pouco depois do rompimento das hostilidades, estava já indicado pela nossa tradição. Até então protegia a agricultura, sacrificando um pouco o consumidor. Dahi em diante, atendendo a que *salus populi suprema lex*, sacrificou-se ele á agricultura e ao comercio.

Mas sabe o Estado quem, depois de feitas as contas, terá de pagar este favor?

A propria agricultura e o proprio consumidor. O Estado só vive do que lhe dão e que ele depois administra e reparte. Embora Lisboa e Porto, por serem centros comerciais e industriais e não agricolas, mais necessitassem de protecção, tambem é verdade, e isto não deve ignorá-lo o sr. ministro do comercio, que, se assim não fosse, o preço do pão em todo o país atingiria um preço só para os ricos.

Pelo que respeita á injustiça dos opulentos serem tratados no mesmo pé de igualdade que os pobres, era uma acusação que não esperavamos encontrar nas palavras do sr. ministro do comercio, visto que só quem veja as coisas pela aparencia, sem uma razão solida, assim pensará.

Negocios são negocios



—E, s'Alamanha paga, quanto cabe á gentes três?

NÃO estaremos longe da verdade, informando os nossos leitores de que está prestes a concluir-se um acôrdo entre o Partido Liberal e os dominguistas—acôrdo que servirá de base para frutuosos entendimentos eleitoraes e, porventura, para uma possivel fusão.

***

UMA coisa de que se têm esquecido os congressos regionaes é de organizar o album das regiões cujos interesses se propõem defender. Muita palavra, muita retórica, muita nuvem.

O resto do paiz fica ignorando tudo o que diz respeito á paizagem, monumentos, tipos de homens e mulheres, culturas, escolas, beneficencia e industrias locaes.

Resultado: passada a fase oratória da celebração dos congressos, o esquecimento baixa sobre eles como a noite sobre um pinhal em que os gaios cantaram e berraram com furia.

***

NO Porto explodiu mais uma bomba. Parecendo que não, as bombas só têm o inconveniente perigoso de acelerar a marcha para o desconhecido ás pessoas distraidas. Hoje fazem parte dos atractivos das grandes capitaes.

Paris, Berlim, New York e Pekim, têm as suas. O Porto segue na esteira dos centros civilizados.

Não seria mau saber quem é que as atira, para o Porto organizar o seu roteiro, tendo em vista indicar as ruas por onde devem escoar-se os criminosos, emquanto a policia foge na direcção oposta.

***

ENTRARAM os gatunos, por arrombamento, em casa duma senhora matrimoniada de fresco. E roubaram-lhe todas as roupas, inclusivé o próprio vestido de casamento, ao qual arrancaram a flôr de laranjeira que abandonaram, amarfanhada, no soalho.

Sabe a policia que o larápio praticou o roubo de luvas para se furtar á identificação pelas impressões digitaes.

E sabe que é importantissimo—que o desprezou e maltratou uma flôr de laranjeira.

Deve tratar-se dum noivo desiludido, que nutre o máximo desprezo pelas flores artificiaes.

***

MAIS uma vez as gazetas matutinas de hoje dedicam largas prosas ao caso já conhecido por «o óbito de Nascimento Pinder».

Garantias e não garantias; vantagens e não vantagens do contracto—eis o que se martela, em discussão que já entedia.

O que interessaria a toda a gente ainda se não fez—a biografia do sr. Pinder.

E calhava tê-la de remissa para a hora do seu falecimento provisório—como agente de negócios.

***

CHEGOU ontem de Paris a esposa do sr. dr. Afonso Costa. Parece que o antigo chefe do P. R. P. regressa ainda este mez a Portugal e está na disposição de tomar a direcção politica do seu partido no Parlamento.

O NOSSO INQUERITO

O que diz Norberto de Araujo sobre a peça "Adão e Eva"

Acho esplendida a ideia, toda generosa e legitima, de abrir a critica de arte, de a estender além do pequenino espaço de meia coluna, dentro do qual, nas gazetas, pontificam por obrigação, e precipitadamente, os comentadores oficiais. O inquerito dá uma soma de opiniões, livres—creio—e desencontradas. Essa liberdade e essa heterogeneidade realizam um apuramento. Suponho que é isso que o *Diario de Lisboa* visa na sua iniciativa. O apuramento do publico nem sempre é o melhor, e se o fosse... não o devia ser. O publico, desde o começo dos publicos, não sabe o que quer e do que gosta. De quem ele gosta sempre—é de si proprio, e isso mesmo o peor que lhe é inconscientemente possivel...

«Adão e Eva», que li de um folego e reli depois como se revê um objecto de arte que se quere profundar na sua maravilha oculta—não é uma perfeita peça de teatro. Não compreendo como quem quere que seja de visão possa aceitar o contrario. E', contudo, uma interessante obra literaria e constitue uma gloriosa obra de moral.

Na peça «Adão e Eva» encontro a intenção, a *interpretação* literaria de intenção, e a *transposição* para ar scenico do ambiente moral. Esta ultima caracteristica—é inconfundivelmente a peor de todas. A peça está mal trabalhada; o conflito sai, a desenrolar-se, numa ansiedade muito restrita de arte e de intuição dramatica para um luminoso espirito, e para um sentimento tão puro como é o do sr. Jaime Cortezão. E' declamativa até ao apostolado primitivo. Lembra as peças de um belo romantismo operario de Ernesto da Silva, nas «Ruinas», no «Capital» e noutras. Mas nestas havia vibração, poder de emoção, que o «Adão e Eva» não possue. As figuras são todas falsas. Li, reli; ainda hoje não sei o que é Marcos. Um iluminado? Um idealista doente? Um maniaco? Por vezes aparece um desiludido. Não preciso de observar ao ilustre autor que a obsecação numa ideia, afastando o raciocinio e o poder do sentimento, é a negação da sua justiça. Há loucos,—idealistas.

A interpretação literaria, vasada em moldes de melhor arte, tolera-se nesta peça, dado o genero de teatro que visa. Para o sr. Jaime Cortezão, é, porém, pouco. Há nela o minimo de beleza possivel, e nós sabemos que a beleza não reside só no verso limpido, no ritmo harmonioso e orquestral das cadencias inspiradas. Há beleza notarão «Adão e Eva» lê-se sem enfado, mas sem alegria espiritual.

Quanto á intenção (que não quere dizer *oportunidade*) ahi é que «Adão e Eva» marca um belo lugar na nossa epoca de decadentismo teatral. Havia necessidade de afirmar ideias, de pôr conflitos de razão, de levantar o alquebrado espirito do melhor publico pela presença na scena, de uma moralidade espiritual. O teatro, abusando do futil, do morbido, da monstruosidade social, do aleijão do caracter (e eu não nego que em tudo isto exista temas de teatro e beleza artistica fundamental); o teatro agora abusando da paisagem de uma vida, pela exploração do vicio que anda no ar, nos olhos e á superficie das cousas, perverteu mais ainda o gosto do publico, que o autor e o critico serios teem de defender. «Adão e Eva» veiu nobremente por um *ideal* (ainda não pensei aqui em discutir esse ideal), e chamar a atenção das gentes sabedoras e criadoras para a necessidade de um teatro onde não haja apenas figurinos, [illegible] pintados, *toilettes* caras e o adulterio da alma. Conseguiu-o o sr. Jaime Cortezão? Quanto a mim—não. Mas o seu intuito tem jus á mais rasgada e sincerissima admiração da minha pena e das inteligencias de todos nós.

Resta encarar a *oportunidade*. Eu penso que todas as oportunidades são boas para todas as cousas. Os conservadores impiedosos e mal alinhavados de inteligencia supõem que uma peça com a tese do «Adão e Eva» (mas há na peça alguma tese?) não tem cabimento nesta altura da nossa vida social e politica. Historias! Não há *altura* nenhuma melhor ou peor; todas são as melhores. A peça entrou hoje como podia ter entrado no tempo dos cristãos, que o feitio de catequese é universal e não tem hora. O autor é que devia ter tido escrupulos em especular com a suposta oportunidade. Fôsse a peça boa, tivesse um instinto em vez de ter palavras, e o teatro teria trezentas representações de enfiada. Falar ao sentimento as classes; adular o estado colectivo das massas; retirar delas, pela comunhão transitoria da doutrina, um lucro moral de compensações—não tem isenção. Seja um artigo de fundo, seja em três actos de uma peça.

E que me perdôe o ilustre autor; talvez que a admiração que eu por ele sinto me tenha levado a escrever com tão grande sinceridade. O inquerito da «Zilda», que era uma peça bem feita—e ninguem tem culpa que o publico tenha delirado diante da sua vacuidade moral—fez-se para dizer mal. Eu creio que este não se fez para dizer bem. Fez-se para dizer o que a peça é—em cada um de nós. E foi assim que eu escrevi.

Norberto de Araujo

A LITERATURA E A ARTE

Os portugueses no centenario da Independencia do Brasil

Dizem os jornais do Rio de Janeiro, ultimamente chegados a Lisboa, que o nosso eminente compatriota Carlos Malheiro Dias pensa em promover a ida ao Brasil, durante as festas do proximo centenario, dos escritores portugueses que são socios da Academia Brasileira.

A iniciativa de Malheiro Dias, sempre tão solicito em prestigiar e engrandecer o nome lusitano, merece todos os louvores e seria excelente que vingasse. Entre os dez socios portugueses da Academia Brasileira, contam-se alguns dos homens mais ilustres do momento literario contemporaneo. Só um,—o obscuro sinatario destas linhas—é apagado e sem valor. Os outros, além do proprio Malheiro Dias, grande romancista e grande patriota, chamam-se Guerra Junqueiro, Teofilo Braga, Eugenio de Castro, Julio Dantas, Alberto de Oliveira, Correia de Oliveira, Candido de Figueiredo e Jaime de Séguier. Constituiriam, na verdade, uma brilhante e solemne embaixada intelectual, digna de representar magnificamente a nossa mentalidade na comemoração patriotica do centenario. E estou certo que Malheiro Dias, com a sua inteligente e nobre tenacidade, conseguirá essa significativa representação portuguesa no vasto «certamen» de representações significativas que vái ser, para todos os paises, a celebração da Independencia do Brasil no ano de 1922.

No entanto—ela não será suficiente, visto que não compreende os artistas plasticos, nem os escritores novos. Como já aqui se escreveu, é realmente necessario que os pintores, os escultores, os arquitetos e os decoradores portugueses apresentem os seus trabalhos melhores e «mais nacionais» na Exposição do Centenario. O Brasil conhece quatro ou cinco dos nossos grandes pintores? E' certo. Mas não conhece, para citar apenas um exemplo altamente impressionante, a obra do genial Columbano, honra suprema duma Raça. E não conhece tambem as tendencias recentes da nossa escultura, tão esplendidamente documentadas pelos trabalhos de Francisco Santos e Anjos Teixeira, entre muitos outros. Creio firmemente que a simples exibição dessas obras-primas mostrariam melhor o nosso poder de vitalidade criadora—a cada instante negado por varios propagandistas de má-fé—e assegurariam mais a boa amizade do Brasil do que todas as campanhas anti-nativistas que se têm feito em Portugal ou que porventura se venham a fazer...

Quanto aos escritores novos, o seu papel está naturalmente indicado:—formariam como que uma falange da fé portuguesa no futuro do paiz. Ao lado dos academicos indicados, e de consagrados como Lopes de Mendonça, Raul Brandão, Julio Brandão, eles ficariam encarregados—esses moços entusiastas—de realisar uma serie de conferencias sobre as aspirações da alma nacional. Tais conferencias, curtas, incisivas, documentadas, far-se-hiam na sala da exposição de arte—e obedeceriam a um plano unico previamente concertado e evidentemente subordinado a um definido pensamento ou intuito patriotico. Delas deveria sair, com efeito, um como que sintese global da nossa vida literaria, artistica e filosofica, apta a chamar sobre o nosso movimento intelectual as atenções dos homens de estudo, dos jornalistas, e dos criticos.

Foi enviado á Associação Comercial o programa da futura Exposição do Rio de Janeiro, como a imprensa noticiou. Não me consta, porém, que esse mesmo programa fosse comunicado á Sociedade de Belas Artes e á nossa Academia de Sciencias. O sr. ministro dos Estrangeiros, que é jornalista e escritor, decerto fará essas comunicações, que o seu espirito patriotico certamente exige que seja feita o mais depressa possivel. De facto, é imprescindivel que ás festas do Centenario do Brasil—Portugal acorra com as mais completas expressões da sua industria, do seu comercio, da sua sciencia, da sua educação—e da sua arte e da sua literatura. Sem estas ultimas—não estariamos inteiramente representados. Afirmarei mesmo—que com a demonstração larga da nossa vida literaria e artistica poderemos suprir quaisquer deficiencias que, nesta hora de ressurgimento, mas tambem de crise para a nação, fatalmente virão a aparecer na exposição portuguesa do Rio de Janeiro, em 1922—exposição a que já me refiro, como se ela se realizasse com certeza, tão seguro estou de que o nosso patriotismo não quererá perder essa maravilhosa oportunidade de mais uma vez se manifestar, vitoriosamente...

João de Barros

MAGAZINE

Mulheres da America

Os americanos têm ideias originais que quasi sempre lhe dão bom resultado.

Por vezes são duma extravagancia que choca o conservantismo das velhas populações europeias, dispostas a espantar-se ou a irritar-se com tudo que seja novidade, como quem ainda não abriu as asas ao pensamento e á livre imaginação (sem ser romantica-doentia) outras são duma encantadora simplicidade e ternura, capazes de fazer inveja ao mais sensivel coração de mulher.

E' desta ultima categoria a ideia que teve o «comité» americano de fazer ir para New-York umas doze crianças orfãs inglesas e de as oferecer aos casais americanos sem filhos.

O «comité» tinha duvidas ácerca do resultado da sua tentativa.

As mulheres americanas, a quem acusam de trazer á mulher da Europa a indiferença e falta de sensibilidade, acorreram em massa a disputar as crianças que levavam nas frontes a alegria, a pureza e a vida.

E o «comité» resolveu recomeçar, mas em mais larga escala...

Os trofeus

Outróra, em tempos de fé ardente, os cavaleiros vitoriosos iam depôr nas catedrais o elmo a couraça e a espada que os tinha ajudado na liça, ou as prezas do inimigo.

As colunas das catedrais cobriam-se de armas e tomavam um aspecto sevèro e aguerrido.

O soldado de hoje vai depôr o capacete por baixo da citação gloriosa.

Mas o general Gérard fazendo reviver os velhos dias, ofereceu não a uma igreja mas á cidade de Chaleau-Gortier, os arreios com florões de oiro, do seu cavalo, que usava só nos dias de grande gala.

Ainda o retrato de Anatole

Van Dragen recebeu do mestre do estilo um bilhete, onde a ironia era tão fina que passava pelo maior elogio.

Olhando o retrato e lendo o bilhete, tem-se a impressão de ler uma tése grega, onde o espirito finissimo dos helenicos defendesse o mais absurdo paradoxo, só pelo prazer de se exercitar.

A ironia de Anatole é tão funda que nem sorri, é serena.

Mas é bom conhecer a historia daquele outro retrato que Carriére ofereceu ao grande escritor e que este pendurou... na sala de banho!

Um dia que Bergeut visitava a casa, vendo o retrato exclamou:

—Mas o retrato estraga-se exposto ao vapor de agua...

—Sim? inquiriu Anatole.

—A melhor obra de Carriére...

—Sim?... Então pode levá-la.

E o editor de Anatole France, ficou radiante com o presente, emquanto o mestre sempre ficou temendo que o entusiasmo fosse passageiro, e um belo dia o retrato devolvido, tivesse de ir ornamentar de novo a sala de banho...

CURSO JURIDICO DE 1910-1911

A sua proxima reunião

Deve reunir, em Coimbra, nos próximos dias 23 e 24 de Junho, o curso juridico de 1910-11, para festejar o 10.º ano da sua formatura.

Pede-se a todos os bachareis em direito, formados em 1911, com pelo menos 8 anos de formatura, que mandem as suas adesões ao sr. António Simões de Carvalho Lucas, Coimbra.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

Serração e estancia de Madeiras

Executam-se com rapidez e perfeição todos os trabalhos para Carpintaria e Marcenaria

Venda de Madeiras aos mais baixos preços

RUA DA JUNQUEIRA, 200

C. B. ANÃO L.DA

ARTE & LETRAS

Carta de palpite

A TUA GRAÇA LOIRA

A tua graça loira fica bem ao pé do mar. Que, francamente, não sei se foi o mar que te ensinou certas coisas, ou se de ti aprendeu, este verão, novos ritmos, na praia feia de que ficarás sendo a linda imagem.

Boles, ao andar, como as ondas mansas. O teu sorriso é de espuma no teu rosto. Quando te zangares, deves encapelar-te com uma vaga contra a rocha. Há nos teus olhos de sereia, esquivos, alucinados, perdições suaves.

Tens a graça salgada das marés. Não és igual. Varias de frequente.

Nas vasantes, o mar rivalizava contigo no sestro de deixar a praia dum modo diferente em cada dia. Rapida e decidida em algumas manhãs, como se fugisse a um lugar de fastio. Outras, abandonando-a lenta, a custo.

Umas vezes, parecia governar-te o estômago, ávido pelo almoço. Despedias-te á pressa do grupo—o teu numeroso grupo!—subias as escadas de enfiada, metias para casa, quasi indiferente ao que atraz ficava.

Demoravas-te outras vezes nas despedidas, que repetias, e trepavas vagarosa a ladeir.. mais comprida, detendo-te no meio a dizer adeuses. Lá em cima, quando te não punhas a caminhar em destaque sobre o paredão, debruçavas-te de onde a onde, sentavas-te a gosar a vista. Antes de embocar na tua rua, tiravas o chapeu para que se visse bem, pra que eu bem visse, como o teu cabelo fulgura.

Haviam-te ido dizer que um certo loiro me endoidece, me faz feliz, porque é muito raro.

Vaidosa! Tens de quê. Sobretudo caprichosa e enigmatica.

Em perto de dois meses de contemplação, de olhos curiosos de adivinharem o que tens dentro, não logrei decifrar de todo os teus modos, ora de princesa altaneira, ora de simples rapariga casadoira.

E's a primeira mulher—vê lá tu!—em quem, autenticamente, reconheci os dotes de esfinge, que é fama tornarem misterioso o sexo a que tens o bom gosto de pertenceres.

Há em ti, pelo menos aparentemente, qualquer coisa de impenetravel á primeira vista. Como uma charada bem feita, descoroçoas logo quem agora pensa ter-te desvendado. Lembras, clara e doirada como és, um texto obscuro, ou escrito em lingua ignorada. E's uma adivinha. Qual é a coisa, qual é ela?

Não podes avaliar dos tratos que dei, por ti, á imaginação e ao raciocinio. As conjecturas que engendrei, as hipoteses que formulei, para ver se esclarecia um pouco a confusão em que me lançavam as tuas alternativas de desdem e preferencia.

Passei por tua causa umas ferias de estudo aturado. Gastei horas a procurar a chave da tua hieroglifica maneira de ser.

E não vás cuidar que lamento o tempo bem empregado! O saber não ocupa lugar. Até reconheço que um complicado, como eu sou, não podia arranjar melhor distracção do que uma desnorteadora, como pareces ser.

Ardo na curiosidade de conhecer a tua letra, que suspeito embaraçosa, e de aplicar a minha elementarissima quiromancia á palma, naturalmente intrincada da tua mão.

E's boa? E's má? Superior? Insignificante? No fundo, presumo-te bondosa, afavel, capaz de amor sincero. Todas as surpresas que me causaste—e se hão-de um dia explicar!—talvez proviessem dum mal-entendido entre o teu orgulho e o meu invencivel retraimento. Tomaste-me pelo que não sou, julgando-me alguem que, aborrecido, se queria divertir á tua custa.

Não avancei mais, porque não me deste ocasião; porque invalidaste todos os meus planos; porque ao meu feitio de isolado repugnam os meios indirectos de manobra e indagação.

Lutámos ambos, afinal, sem triunfo. Tu e a tua vaidade exigente, costumada a homenagens, por menos profundas, mais espalhafatosas. Eu com a minha pouca afoiteza, com o recolhimento em que, talvez á antiga, entendo dever recatar-se o amor nascente.

Se me tivesses compreendido e ajudado, podiamos ter ido longe, muito longe, e depressa. Nem calculas! Assim, temos de caminhar pausadamente, porque não sopra do teu lado vento de feição ás velas do meu barco. Será como quizeres; na certeza, para mim, de que havemos de aproar a um porto cheio de sol.

Suponho tambem que, para esse perpetuo desencontro dos nossos desejos, deve ter contribuido a dubia situação de te sorrir a minha simpatia e quereres fazer ver aos do teu grupo—o teu indiscreto grupo!—que te não importavas comigo.

De nada te serviu. Publicaram aos quatro ventos que eu andava atraz de ti. Mostravam-me. Apontavam-me. Sorriam. Não me zanguei, nem seria caso para isso, se bem as tuas variadas amigas me parecessem um pouco impertinentes.

Só uma vez, uma unica vez, te vi sósinha, e essa absolutamente inesperada, mas gloriosa. Lembras-te certamente. Naquela tarde em que, depois de saires da praia acompanhada, voltaste, tu só, altiva e quasi provocante, aproveitando o pretexto de chamares um pequenito que brincava nas rochas. Estava eu sentado a conversar com gente amiga, no toldo onde me deixaras pouco antes. Apareceste na minha frente, de surpresa, sem chapeu, como gostavas mais que eu te visse, com o teu vestido côr de rosa. Fitaste-me, levaste a criança, e desapareceste como uma visão.

Essa tarde, a manhã em que, levemente arregaçada, pescavas camarão, e a outra, em que, tendo-te o mar beijado a saia, te curvaste, muito senhoril, a espremê-la aos bocadinhos para a secar, são os momentos em que mais tenho de agradecer-te e de louvar a distinção da tua figura delgada e atraente.

Esses, alguns outros, e o prazer que tinhas de que eu te soubesse o nome... Seria dificil ignorá-lo, visto as tuas amigas — as tuas comprometedoras amigas!—andarem sempre a gritá-lo, pelo menos na minha presença.

Apesar disso, quizeste tu dizer-mo, logo no segundo dia. Escolheste uma ocasião em que eu lia deitado na areia, e passaste rés-vés de mim com a pequenita em quem ensaiavas a vocação maternal, proferindo baixinho uma frase em que entrava o teu nome, que acentuaste. Já o sabia, mas, dito por ti, ficou sendo o nosso primeiro segredo.

Sei, portanto, como te chamas. Conheço o exterior da tua pessoa, o teu sorriso esfusiante, os teus olhos inquietos, a sobranceria do teu porte, o som apaixonado da tua voz e certos gestos aéreos das tuas mãos alegres.

E' já alguma coisa. Quanto tenho, porêm, que descobrir ainda? Que mundo imenso é uma mulher!

E só agora reparo em que, não te tendo ainda sido apresentado, já, nesta carta de palpite, te estou tratando por tu. Para que vejas como te quero!

Faço talvez mal em chamar-te a atenção sobre o facto. Obrigando-te a fingires-te melindrada, as conveniencias vão fazer que protestes contra o agradavel tratamento.

Quando se gosa, não há outro. Deixa as conveniencias! Responde. Perdoa. Continua a sorr'r-me...

1917.

Manoel de Sousa Pinto

Scale e Lucas

Importador e Exportador

19 East cheap ECs

LONDRES

N.º 18 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 7-6-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

X

«Não há trabalho sem trabalhos, é tão certo como uma Escritura, mas deixasse-me hoje o Pai do Ceu tornar á minha mocidade que eu pegava logo do meu oficio, e não doutro, inda que fôsse o do nosso prior que leva a vida a cantar ou o do Borges boticario que duma pipa de agua fabríca um lagar de dinheiro. Morte mate, se pegava doutro!

Muitas vezes ouvi dizer á Fr. Joaquim das Sete Dôres...—vossorias já não conheceram—era irmão da Ordem de S. Domingos e andava ao peditorio de terra em terra para o Colegio de fradinhos da Fraga, com um rusilho tropiqueiro, convidando as dônas de casa, a trôco de chouriço, naco de presunto cereais ou frutas, com ossos dos santos martires, e lascas do Santo Lenho, pingas da agua do Jordão, ou pó para matar as pulgas—pois a Fr. Joaquim das Sete Dôres, muitas vezes ouvi dizer: *Arrieiro no tarde chora por arrieiro, nanja por cavaleiro*. Só agora, mais dia menos dia com o viatico a tocar-me á porta, é que vim ao fundamento de tal sentença. Choro pela minha vida de almocreve, e voltasse-me ele o meu macho, as minhas pernas, a minha boa disposição, com dias grandes ou noites sem fim, não se furtava o filho de meu pai a recomeçar o fadario por França e Araganças. Mas, ao tempo o meu pensar era outro, e tinha ás vezes batidas com o frade, mais puxadas que legoas das velhas.

Uma vez, lembra-me como se fôsse ontem, aconteceu-me tropeçar com ele, vinha eu do Tedo, a meio daqueles caminhos que são o purgatorio do viandante, debaixo duma nevada, Deus nos acuda, tão baça, tão emassarocada, que não se via céo, nem leira, nem beira, a pontos que era como céguilha de gôta serena a terra toda.

Eu praguejava como é proprio da gente pouco habituada a rezar:

—Raios partam a minha vida, não me fazer meu pai fidalgo!

—Se mil diabos me levassem mal'lá cadela da sorte!...

—Companheiro—disse-me então Fr. Joaquim das Sete Dôres, toque, toque, atraz de mim no azem'l, tão enfarinhado que só a côca do capuz guardava um ársinho de negro—não blasfemes, que Deus está a ouvir-nos e se quizer pode muito bem sepultar-nos debaixo da neve como fez aos egipcianos no mar das Arabias. Não sabes o que dizes. Todas as vidas não são piores nem melhores, elha por elha. São vida e basta!

—Em boa hora saí V. R. com o sermonario—respondi eu.—Por ventura, a condição dos escrivães, de cadeira, a cardar os desavindos; a dos padres, a comer os dizimos e, lá de quando em quando a louvar no Breviario ao criador dos melros pode ser comparavel a esta sapadeza de vida, a raçoar de sêco, a dormir quando Deus quer, ás vezes torricado do sol, outras molhado pingando, como desta feita, que até já levo uma alagôa no umbigo?! Outra porta, que aqui móra um surdo!

—Antonio—tornava ele, tangendo rijo a bestiaga para aparceirar com o machinho que era andadeiro—o teu entendimento anda mal ensinado. O bicho homem, quem quer que seja e o quer que faça, tem sempre comsigo a mesma peçonha. E esta peçonha sabes o que é? E' o nunca estar contente com a sua dita, quanto mais tem mais apetece, desejar para aborrecer, e aborrecer por desejar.

—Assim será. Cá eu, franqueza franquezinha, antes queria ser o fidalgo da Quinta da Ucha, boa braza aos pés, bons bifes na mesa, boas femeas para o goso, que ser o pilorda que aqui vai por baixo duma nevasca, Anjo Bento, que até se me afigura que deu poeira no céo.

—Sim, lá horas por horas até Cristo as trocaria, e mais era Deus, a julgar por aquelas palavras ditas no Horto das Olive'ras: Pai, se é possivel, passai de mim este calice! Que queres, a fruta mais saborosa tem caroço no meio. Mas vida por vida não vale a pena trocar. O fidalgo, que tu tanto invejas, não será uma vez nem duas, que ao ver-te seguir, derrotino, rabeiro pelos hombros, a assobiar descuidado atraz do macho, por esses caminhos alem, não sinta ganas de te estar na pele. A neve que agora a ti te afflige é para ele o enfado que, quando mal se precata, o toma de sua cortezania, os cuidados da sua fazenda, os precalços da sua honra. Podes crer, caiem nevadas em todas as v'das e em todas as condições, tanto na do homem de leis, como do rico ou do frade. Sabes o que é preciso ter? Paciencia.

—Paciencia tenho e demais. Ainda ontem um bandalho me chamou ladrão e não lhe saquei as tripas ao sol.

(Continua)

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Dos chàs e dos electricos

Um amigo meu, magro e extraordinariamente proprietario de varias herdades muito de render, convidou-me há dias para tomar chá: ás onze horas da noite, depois do seu jantar. Ele não toma café nem chá; bebe o seu cognac *da colheita de seu pai, há vinte e cinco anos. Quem toma chá é a sua amante, uma francesa, magrita e pintada de labios, falando muito parisiense, e compassiva até a ternura. Ai pela volta das onze e meia, amigo meu pediu licença e foi fechar umas contas de cortiça. Eu fiquei só, primeiro comigo recolhidamente; depois só com a francesa, sem recolhimento algum. Falamos: ela tinha uma* bluse *pouco decotada, rosa velho, de um tecido leve, que não sei o nome, e que deixava ver a camisa e adivinhar a pele côr de rosa novo. Falamos: ao dar a meia noite eu estava vencido, depois de ter estado triunfante. A francesa, René, despira-se deante de mim em toda a beleza dos seus sentimentos. Despira a sua alma, despira o seu convencionalismo. Mostrou-se Mulher. A's duas horas da manhã, depois de me ter esquecido da* bluse, *da camisa e da côr da carne, eu sabia, beijando-lhe delicadamente a ponta dos dedos, e renovando em mim, romanticamente, o culto pelo eterno feminismo, que arde tanto na mulher que parece facil e deixa adivinhar as suas veias rosadas e azues, como na mulher senhora da sua virtude e que pontifica, do alto da sua honestidade, na sua qualidade de mulher casada. Passei pelo gabinete onde o meu amigo fazia a ultima soma e dei-lhe um abraço—que ele sentiu. Deixou cair sobre mim o seu sorriso enigmatico e renovou-me para uma noite destas o seu convite para o chá das onze. E é esta a primeira nodoa que eu deixo no espirito, incapaz de surpreender qualquer pessoa, dos nossos elegantes chás das cinco...*

***

Se eu tivesse um cavalo, um automovel ou dez mil réis para um trem, tinha ido ao Concurso Hipico. Assim—não fui. Não é o andar a pé que me custa. E' ver os outros a ver-me andar a pé a mim, desdenhosamente, fingindo que me não vêm. Se eles me vissem, se eles e elas parassem o carro, se aproximassem do meu pasmo e me dissessem: «pelintra! Pois tu tens uma cabeça. e não tens um cavalo? Tu não tens um Benz? *Tu não tens vergonha de não ter vergonha?». se elas me insultassem—eu ia a pé ao concurso. Assim, não. A' minha pobreza nem sequer é consentida a dignidade gratuita de ter orgulho...*

***

Esta manhei passei por um jardim publico para ir á minha vida. Tinha chovido antes, e a terra humida arfava de seiva e de emanações. Os estrumes, nos canteiros cheios de flôres, denunciavam os aromas, lavados de agua, que são depois a palpitação de esperança no coração de rosas. Uma frescura de parque aristocratico invadia todas as cousas, e os olhos, a pele, os sentidos, a propria alma, estatelavam-se na terra virgem como numa inspiração amorosa. Andavam os passaros nos seus platanos a sacudir as folhas, e de vez por vez caía sobre mim uma chuva de gotas em perola, que me dava uma sensação de felicidade pagã. E fiquei a pensar; como estas, quantas revelações espantosas da natureza democraticamente prodiga, e cujo segredo não reside na nossa organização de liricos, no nosso feitio de poetas virgilianos, na nossa indole profetica de artistas, mas apenas na comesinha e salutar—falta dos electricos?

José de Alma.

Presidencia do Ministerio

Conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio a comissão composta dos antigos parlamentares, srs. Helder Ribeiro, coronel Roberto Baptista, dr. Caeiro da Mata e Vitor Hugo de Azevedo Coutinho.

EM VESPERAS DE ELEIÇÕES

Os socialistas disputam as minorias em todas as cidades industriais

Quem são os deputados que o P. S. P. propõe ao eleitorado de Lisboa

O sr. dr. Ramada Curto explica ao "Diario de Lisboa" qual vai ser a acção do partido socialista

O sr. dr. Ramada Curto, «leader» do partido socialista, é sempre aquele orador fogoso, veemente, intrepido, que marca com entusiasmo e com fé, as suas opiniões.

Em sua casa, esta manhã, quando lhe pedimos uma entrevista sobre a acção do seu partido na actual campanha eleitoral, que se já se está travando com calor, Ramada Curto, romantico, gesto largo, palavra colorida, fez-nos um pequenino discurso, que ouvimos e que ao de leve vamos apontar:

—O meu partido vai ás urnas, disputando as minorias em todas as cidades industriais, operarias.

Em Lisboa apresentamos ao sufragio quatro nomes: Alfredo Franco, dr. Alberto Machado, Augusto Dias da Silva e Ramada Curto...

—Quantos representantes terão os socialistas no futuro parlamento?

—Não sei! Conto pelos menos, que tenhamos o mesmo numero de deputados, que estavam na Camara anterior.

—Sinceramente...

—Estas eleições reservam surpresas para todos os partidos...

—Surpresas dolorosas, não?

—Talvez. No entanto devo-lhe dizer que além do partido democratico e do liberal, aquele que tem a sua maquina eleitoral mais bem organisada, é o meu. E' um factor a atender.

E depois:

—Alguns elementos categorisados do meu partido, vão ser propostos como senadores, pelos circulos em que disputamos as minorias.

—Os socialistas não se apoiam em nenhum partido?

—Tudo quanto lhe dissesse agora a este respeito era prematuro. A minha opinião no entanto, é que aos republicanos, lhes convem ter dentro das Camaras, uma minoria socialista e outra monarquica.

—A' laia de valvulas de segurança.

—Exacto. E' uma questão de ordem, é uma questão de pacificação.

—E a quem pertencerão as maiorias?

O dr. Ramada Curto animou-se, cortou-nos as preguntas, envolveu-nos na sua voz clara de orador.

—Certamente, que ao partido liberal. Mas será uma maioria fraca, dificilmente visivel. Os democraticos, porém, terão uma minoria forte, energica que...

Era fatal uma observação. Fizémo-la atalhando a dialetica vigorosa de Ramada Curto:

—...Que influirá na constituição dos futuros governos, não é assim?

—Certamente! Temos um dilema: ou os democraticos se aliam aos liberais e os deixam governar, durante o periodo de um ou dois anos; ou aqueles insofridos como são, sobem ao poder e decretam uma nova dissolução.

E Ramada Curto prosseguiu:

—Os pequenos partidos, têm muito a temer dos monarquicos. Não é porque eles tenham dentro das cidades numerosos partidarios, mas é que o povo republicano, desinteressado como tem estado da marcha da republica, pode contribuir para uma situação pouco clara, confusa mesmo. Para obstar a isso impunha-se a lista da cidade...

—Os sindicalistas apoiam o seu partido nas eleições?

—Não, não apoiam. A sua tatica, é completamente diferente da nossa. Até agora os socialistas têm protegido todas as aspirações operarias, defendido todos os seus movimentos—apezar de não terem neles responsabilidade alguma—nada recebendo em troca. Afastam-se sistematicamente. E isso, doloroso é confessá-lo, tem sido a causa da derrota das ultimas greves. O parlamento seria para os operarios, um meio de se defenderem, como qualquer outro.

E o dr. Ramada Curto, largamente contrasta o movimento do operariado português, com o do operariado inglês e francês, afirmando:

—Tudo quanto em legislação social se tem feito, é obra do partido socialista.— E enumera:—seguros sociais; bairros sociais; lei das 8 horas; protecção a menores, etc., etc.

Despedimo-nos. O sr. dr. Ramada Curto acompanha-nos até á porta, e pede-nos que não revelemos determinadas confidencias que nos fez. Assim o prometemos, assim o cumprimos.

Visitas ministeriais

Na Sociedade de Belas Artes

O sr. ministro da instrução, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. Alves do Vale, visitou demoradamente a exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Nos armazens reguladores

O sr. ministro da agricultura visitou hoje os armazens reguladores, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. Melo e Sabo e do comissario geral interino dos abastecimentos, sr. Melo Trigoso.

Malas postais

Pelo «Asia» são ámanhã expedidas malas postais para os Açores e New York, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

As proximas eleições

Os revolucionarios civis de Lisboa e Porto vão concorrer ás urnas

Os revolucionarios civis de Lisboa vão reunir ámanhã, pelas 21 horas, no Centro Antonio Maria Baptista, a fim de resolverem quem os há-de representar na futura camara legislativa.

Consta-nos que no Porto, tambem os revolucionarios civis propõem a deputados os srs. padre Camilo de Oliveira e Armando de Azevedo.

Ler amanhã:
A resposta de Antonio Ferro á carta da ilustre escritora
VEVA DE LIMA

"Diario de Lisboa"
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

Notas Mundanas

A caridade

O Comissario de Policia—Os ensaios da engraçada comedia do saudoso comediografo Gervasio Lobato, que na noite de 15 do corrente sobe á scena no teatro de S. Luís, em recita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, continuam decorrendo brilhantemente sob a direcção do distinto actor Augusto Machado.

Os principais papeis estão a cargo das sr.as condessa de Santar, que desempenha o engraçado personagem da «Viuva Carneiro», em que terá ocasião de mais uma vez evidenciar o seu talento para a scena, e D. Ana de Mendóça Cirne, o de «D. Maria Francisca Soares», a esposa do «Conselheiro Faustino Soares», ao qual a distinta amadora, que ha muito se dedica a papeis de «caracteristicas», neste novo trabalho porá mais uma vez em destaque ser uma amadora de grandes recursos; e os srs. Luiz Gama, o nosso primeiro actor neste genero, e chamamos-lhe assim por que o é efectivamente, terá no protagonista mais uma coroa de gloria a juntar ao seu vasto reportorio, e Guilherme Street Caupers, que é hoje em dia um magnifico amador no genero comico, pois ainda ha pouco na lindissima opereta francesa «Rip» fez realçar o seu papel de uma maneira impecavel e estamos certos que no «Conselheiro Faustino» dará largas á sua veia comica. E' a primeira vez que este distinto amador representa em português.

Os pedidos de bilhetes para esta recita devem ser dirigidos para casa da sr.a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho (Borba), rua do Seculo, ou pelo telefone 1:263, central.

Pontos de reunião

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á primeira recita da moda que ontem se realisou no Coliseu, com a interessante companhia francesa de revista.

Condessa de Castelo Mendo, viscondessa de Alverca, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Deolinda da Fonseca, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Rita de Somer Pereira, D. Margarida Sequeira Fernandes Braga e filhas, D. Maria de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Palmira da Costa e Silva, D. Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Arselina Vitor dos Santos Medeiros, D. Maria Tereza Carreiras Ornelas de Matos, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista Nobre Sobrinho, D. Ema de Navarro Hogan, D. Berta de Navarro Sampaio, D. Maria Gomes de Abreu Baptista, D. Elisa Machado Taveira, D. Maria Alice de Abreu Baptista Germon de Oliveira, D. Maria Amelia Lucas Torres Farinha, D. Laura Barbosa Soto Maior, etc.

Agenda

Hoje a nossa «élite» dá «rendez-vous» no teatro S. Luís, festa de confraternisação luso-brasileira, organizada por uma comissão de literatos, artistas e jornalistas, e amanhã de tarde no concurso hipico, e á noite no teatro Nacional, recita da moda, e no cinema Condes, «soirée» da moda.

Concurso Hipico

Amanhã quarta feira teremos o terceiro dia de concurso hipico no esplendido campo de obstaculos de Sete Rios, realizando-se as seguintes provas: «Grande prova militar», «Habits Rouge» e «Apresentação de cavalos e eguas nacionais». A tarde de amanhã em Sete Rios será o ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

Concurso da primavera

Deve realizar-se ainda este mês nos magnificos «courts» do «Club Internacional de Foot-ball», em Sete Rios, o terceiro campeonato internacional de «law-tennis» da Primavera, organizado pela ilustre direcção deste club.

Além dos nossos melhores jogadores antigos, apresentar-se-hão alguns dos novos, que ultimamente se tornaram notaveis no campeonato de Portugal, que ha dias terminou e no qual saiu campeão de Portugal o sr. D. José Burnay de Verda (Mairós). Tambem tomam parte os mais notaveis jogadores do vizinho reino, entre os quais figuram alguns que nos têm visitado.

Brevemente nos referiremos mais detalhadamente a este campeonato que estamos certos despertará grande interesse não só no meio sportivo, como tambem no meio mundano.

Casamentos

Realisou-se ontem na igreja do Coração de Jesus o casamento da sr.a D. Ana Botelho de Morais Sarmento, gentil filha da sr.a D. Mariana Botelho de Morais Sarmento e do sr. comendador Augusto de Morais Sarmento, com o sr. Alvaro da Camara Leme de Mesquita, filho da sr.a D. Henriqueta da Camara Leme de Mesquita e do sr. Julio Cesar de Mesquita.

Serviram de padrinhos os pais dos noivos, tendo celebrado o acto o reverendo prior da freguesia sr. Eduardo Antonio Ribeiro Cabral, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução.

Durante a cerimonia religiosa um eximio sexteto executou no coro varios trechos de musica sacra.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo «lunch» fornecido pela acreditada «patisserie Benard», seguindo depois os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Em viagem

Encontra-se já no seu palacio das Laranjeiras a sr.a condessa de Burnay, acompanhada de seus filhos os srs. Roberto Burnay, que ha pouco regressou de Paris com suas gentis filhas, e Eduardo João Burnay.

—Acompanhado de sua esposa a sr.a D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Camara, regressou de Lisboa á sua quinta de Vale de Figueira o sr. Vasco Caldas Infante da Camara.

—Para o Norte partiu o sr. dr. D. Vicente Zarco da Camara (Ribeira Grande).

—E' esperado hoje em Lisboa, vindo do Porto, no rapido, o distincto «sportman» sr. José Augusto dos Santos.

A CIDADE

UMA INTERESSANTE CONVERSA

UMA POETISA BRASILEIRA

Clarinha entrevista para o "Diario de Lisboa" a sr.ª D. Lia da Fonseca

As paisagens doces do Japão---A secção "Arte e Sociedade" no "El Diario" de Buenos Aires---A peça "La conquista del respeto"---A familia da ilustre escritora

O nosso automóvel passou em vertiginosa carreira, Algés, e a sua multidão dos domingos.

Agora tomamos o caminho de Caxias. Já a bahia se desenha ao longe; o mar vem de mansinho tocar na beira da estrada. «Lia» extasia-se ante a maravilhosa côr do sol poente—ela que viu tudo que há a vêr atravez o mundo.

—«Ah! que lindo é o mar! Como são estranhas aquelas nuvens além, rubras e rosadas! Parece que vão despejar sobre nós fôgo e rosas...»

E «Lia», que tem o puro tipo de Raquel —a desejada—aponta o céu com os seus dedos afilados.

Vejo-a de perfil. Assim deviam ser as filhas de Sião. Assim era de certo a «Sulamite».

Sob a pele fina há a patina dum sangue moço e forte. Tem a palidez máte da morena sã.

Os cabelos que se erguem sobre a testa estreita, são dum negro azulado. Negras as sobrancelhas bem traçadas, castanhos os olhos imensos, onde há a anciedade de viver, e a melancolia de ter vivido.

—Sim, «Lia», o mar é belo, a vida é bela, quando a gente a sente; mesmo na amargura infinita de a sentir. Mas faleme de si.

—Sabe? Desde pequena tive emoções profundas, e a necessidade de as exprimir. Havia coisas que me perturbavam, outras que me enchiam de alegria.

—E quando pensou em escrever?

—Nem sei bem. Tão nova! Meu pae levou-me atravez o mundo; encantei-me com as paizagens dôces do Japão, e estremeci de emoção na India. Subi ao Thibet. Para penetrar nos templos da Asia, tive de me envolver em véus espessos. Seria cruelmente punida se me reconhecessem. Padeci fome e sêde nas «steppes» da Russia quando gelaram as bebidas, e as carnes eram pedaços de neve... Depois, na Europa, nada me espantou. Vinha de paizes mais antigos, mais misteriosos, mais belos...

«Foi então, «à tête reposée» que eu pensei em escrever num jornal do Rio de Janeiro as minhas impressões de viagem. Mas a sociedade insurgiu-se contra mim, contra a minha audácia. Ali poucas senhoras se atrevem a colaborar num jornal. Eu tinha a mais o meu nome. Meu avô...

—Seu avô o marechal Deodoro da Fonseca?

—Seu irmão. Pense, minha amiga, como era infinita a minha audácia! Ser jornalista eu, a filha do marechal Pedro Paulo da Fonseca, sobrinha de Hermes da Fonseca, então presidente da Republica! Como foram maus para comigo! Não falo no jornalismo, que me acolheu da fórma mais encantadora. Parti então para Buenos Aires, e ahi dirigi no «El Diario» a secção «Arte e sociedade» durante quatro anos.

—Em espanhol?

—Quási, sim; em argentino. A pronuncia é diversa, diversos os modos de se exprimir.

«Escrevi então uma peça, «La conquista del respeto», que o S. Martin levou quarenta noites a fio.

—Foi um triunfo!

—Foi uma tentativa feliz.

—Chame-lhe o que quizer. Mas agora sei que vae escrever em portuguez. Estamos perto do Estoril. Conte-me depressa tudo.

—Depressa! O que quer saber? Se fui amimada em pequena? Se sou feliz? Meu avô amava-me muito. Era a companheira de meu pae. Minha mãe quiz-me muito bem. Ainda hoje me escreveu. E' morena como eu, fatalista—de raça egipcia—e tem um nome lindo: Myriam de Saboya. Quem sabe se eu não descendo dessa incompreendida Cleópatra...

—E chama-se Saboya?! Oh, Lia! E' levar a sua fantasia pelos inacessiveis caminhos do impossivel...

Lia ri. Mas os seus olhos imensos reflectem uma tristeza talvez ignorada por ela mesma.

—Eu sei lá! Minha avó era italiana, meu avô grego. Posso julgar-me descendente dos heroes que mais amo, daqueles que mais me interessam—e a sua mão procura a do marido.

Eu olho com convicta descrição o Estoril que se avizinha.

Parece-me que o heroe que Lia prefere é seu marido. Encontraram-se no Brazil há anos.

Aproximou-os uma reciproca simpatia. A vida logo os separou. Mais tarde, Lia

Lia da Fonseca

teve uma curiosidade imperiosa de conhecer Portugal. No entretanto, nada a atraia aqui. Nada. A não ser o Destino, que na sombra tece a nossa vida de companhia com o Amôr...

E uma manhã em que almoçava no Avenida Palace, olhando as árvores sacudidas pelo vento triste do Outono, sentiu que alguem lhe punha a mão no hombro. Voltou-se agastada.

Estava em frente do seu Destino...

Estoril! Já passámos os hoteis imensos. Aperta-se-me o coração ao vêr desbastada a mata onde outr'ora corriamos.

Mas Lia gosta do Estoril, prefere-o a Monte-Carlo. Lia acha tudo lindo. Lia é feliz, e não tem no seu caminho como na Biblia, Rachel, a formosa irmã, rival preferida.

A sua casa em Lisboa dá para um jardim onde cantam rouxinoes.

E' moça, linda, rica, amada.

Só lhe posso predizer uma coisa, sem ter os singulares predicados da «Hung-Li» para adivinhar. Encontrará no seu caminho a monstruosa, a perversa, a horrenda inveja.

Mas com o amparo de seu marido e a força do seu lindo espirito, forte e claro, vencerá a hidra pavorosa que Lisboa acalenta, e que só adormece á força de beberagens e manjares—para acordar mais viva e mais sequiosa do sangue das suas vitimas...

Clarinha

OS BASTIDORES DA GUARDA

O CASO LIBERATO PINTO

Algumas acusações feitas ao antigo chefe do estado maior da G. N. R.

O que consta de uma "defesa" elaborada pelo antigo presidente do conselho---O que ha em volta da sindicancia---O "Diario de Lisboa" consegue apurar quasi tudo...

O caso Liberato Pinto, que tem dado tanto que falar, continua entregue ao Conselho Superior de Disciplina do Exercito. Ultimamente, vieram a lume algumas acusações feitas ao antigo chefe do estado-maior da Guarda Republicana, que constam do relatório submetido á sanção disciplinar.

O que diz o sr. Liberato Pinto no capitulo "disconsiderações ao general sr. Pedroso de Lima,,

A primeira alinea desse relatório refere-se a desconsiderações ao sr. general Pedroso de Lima. Assim, diz-se que não acompanhou o general, nem compareceu aos cumprimentos ao sr. dr. Bernardino Machado, que foi o seu sucessor na cadeira de presidente do ministerio.

O sr. Liberato Pinto defende-se, declarando que tinha de comparecer á mesma hora no Parlamento, onde o ministro da agricultura, sr. dr. João Gonçalves, tinha pedido a sua presença e a do dr. António Granjo, a fim de tratarem de um caso de acquisição de trigos.

Consta ainda do relatório que, indo o general todos os dias ao gabinete do chefe do estado-maior, este não ia ao gabinete do general. Diz o sr. Liberato Pinto que o general Pedroso de Lima entrava ao meio dia no seu gabinete, onde ele se encontrava já a essa hora. Trocavam-se os cumprimentos do estilo e o sr. general dava entrada no gabinete que lhe era destinado.

Que não cumprimentou o general Pedroso de Lima, numa cerimónia oficial.

O sr. Liberato Pinto:

—Porque já o tinha cumprimentado no quartel.

O caso do capitão Baptista e acusações que dizem respeito á organização interna da G. N. R.

No caso do capitão Baptista, o sr. general Pedroso de Lima queria punir aquele oficial com mais de 30 dias de prisão disciplinar. O sr. Liberato Pinto era de opinião que não devia ser punido com mais de dois ou três dias, a fim de não prejudicar o prestigio da Guarda. Tratava-se duma diferença de critérios e aquele que prevaleceu parece ter sido o do chefe do estado-maior, visto que o sr. general Correia Barreto puniu o capitão Baptista com dois dias de prisão disciplinar.

Quanto á instalação de unidades em Algés e Arroios, sem conhecimento do general, afirma o antigo presidente do ministerio que, no primeiro caso, estava o sr. general Pedroso de Lima ausente de Lisboa, e, no segundo, havia necessidade de alojar em Arroios alguns atacados de peste. A ordem foi dada pelo ministro do interior, coronel sr. Pedrosa, na presença do dr. Hermano de Medeiros, director dos Hospitaes Civis.

A acquisição de mulas para a G. N. R. diz o sr. Liberato Pinto que foi feita pela comissão de remonta e sem a interferencia do chefe do estado-maior, que ao tempo era presidente do ministerio.

Diversas compras — A mobilia do gabinete do chefe do Estado Maior da G. N. R.

Tambem o relatório se refere a diversas compras, entre elas vária roupa e utensilios para uma enfermaria.

O sr. Liberato Pinto:

—Todas as acquisições de mobilia e utensilios que não tinham o autorizado do general, tinham sido apresentadas quando este estava ausente.

A Guarda Republicana—diz o relatório—fez compras sem concurso na casa comercial de um cunhado do sr. Liberato Pinto. Parece ter-se provado que essas compras foram feitas como resultado de concurso e unicamente por intermédio da repartição de engenharia e companhia de trem. Afirma ainda o sr. Liberato Pinto que, tendo-se feito observações no jornal *A Situação* ácerca da mobilia do seu gabinete, que fôra adquirida pela repartição de engenharia, um ano antes, mandou entregar essa mobilia ao fornecedor, com o desconto de 10 por cento nos moveis estofados.

Um cunhado do sr. Liberato Pinto vai ao Alentejo em serviço gratuito da G. N. R.

Um cunhado do sr. Liberato Pinto—continua o relatório—foi ao Alemtejo num automóvel da G. N. R.

O antigo presidente do ministerio afirma:

—Essa viagem foi em serviço gratuito da G. N. R. Era preciso adquirir máquinas para uma pequena instalação de fabrico de tijolo. Abriu-se concurso, por intermedio de anuncio, e como resultado foi necessário mandar alguem ao Alemtejo examinar umas máquinas que eram oferecidas.

O cunhado do sr. Liberato Pinto é engenheiro civil.

O chefe do estado-maior da Guarda Republicana—diz o relatório—mandou abrir concurso, sem necessidade, para compra de 30 cofres. A necessidade—fala o sr. Liberato Pinto—foi justificada pelas constantes reclamações das unidades, que não se responsabilizavam pelo dinheiro, se não houvesse cofres para o depositar.

A segunda parte do relatório é longa e já se fizeram na imprensa referencias ás respostas do sr. Liberato Pinto. Há ainda dois casos, em que o antigo chefe do estado-maior não foi consultado, ao que nos informam. O primeiro refere-se á compra de uma máquina (plaina garlopa), que o sr. general Pedroso de Lima diz não valer mais de dois contos e que foi adquirida por nove contos. Responde o sr. Liberato Pinto que não se tratava apenas de uma máquina, pois se incluiam todos os acessórios necessários á sua montagem. Essa máquina foi mais tarde vendida por 6:200 francos suiços e paga na ocasião em que ao cambio do dia rendeu aquela importancia. Hoje custaria doze contos.

O segundo diz que mandava parar as obras em meio.

O sr. Liberato Pinto:

—Porque não havia dinheiro para continuar.

Diz tambem o relatório que mandou tirar do seu automóvel as letras G. N. R. mandando-lhe pôr a matricula civil 3014.

O antigo presidente do ministerio:

—Foi o comandante da companhia de trem que mandou fazer isso, num periodo de agitação operária.

E foi isto que o *Diário de Lisboa* conseguiu apurar em volta da sindicancia, do relatório e da defeza. Se não é tudo, é quási tudo...

"A DEMOCRACIA"

Aparece na proxima semana o 1.º numero deste diario que se apresentará como orgão do partido democratico e é dirigido pelo sr. dr. João Camoezas.

A PROPOSITO DUMA CRITICA

A recita dos quintanistas de direito

Uma carta do academico sr. Ricardo Mota á sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros

Minha senhora:

Não tenho o prazer de conhecê-la pessoalmente. Vi-a, algumas vezes, nas ruas, e sei-a autora de livros de versos e cronista do «Correio da Manhã», na «Folhinha de Lisboa».

Mas a tremenda tareia que V. aplica, numa folhinha tão pequena (felizmente para os tosados) ao quinto ano juridico a que pertenço, leva-me a pedir-lhe a gentileza de me aceitar uns leves reparos.

No «Correio» de 29 de Abril dizia V., anunciando a recita do meu curso:—«As festas dos estudantes, *digam o que disserem*, hão de ser sempre as mais alegres, mais divertidas de todas as festas». Chama, depois, ao meu presado amigo e condiscipulo Tomás Colaço, «poeta de grande talento, humorista scintilante de verve, e afirma, em seguida, que conhece algumas passagens da revista, pelas quais avalia o resto», acrescentando que «a festa é ansiosamente desejada».

Em 4 de Maio, porêm, a «Folhinha» enrijou. Nem parece uma folhinha mas antes, um pinheiro gigantesco a desabar sobre as nossas cabeças...

Começa V. por chamar á revista—desmantelada—!

«Que só o sr. Tomás e mais dois ou três amigos conseguiram dar-lhe um pouco de graça e de movimento; que a revista é, sem duvida alguma, muito mais escrita a torto do que a direito; depois, muito contrariada, muito penalizada, acha muito mais entusiasmados, alegres e vigorosos os quintanistas de medicina do que os desconsolados doutores em leis que, em S. Carlos, deram provas desgraçadas (não se arranjou outro qualificativo mais suave...) da sua verve e da sua mocidade.»

E continua:—«Não compreendo porque são tão massabores (que prodigalidade de galanterias...) os autores e actores da revista do meu curso». Toma Tomás e mais toda a companhia!!

Eis o libelo mais pesado, por certo, que o Diogo Alves.

No final explica V. que «estes pequenos reparos (pequenissimos e muito gentis, ex.ma senhora) foram devidos a uma *série de profundas reflexões*»!

Se V. Ex.ª continua a *reflectir em série e tão profundamente*, estamos bem arranjados...

Eu não entrei, por varias razões que nada interessam, na festa de despedido do meu curso. Assisti como simples espectador e, confesso, a impressão que a recita me deixou não foi boa.

Mas, que ela merecesse uma critica, em tão pequenos e tão sangrentos reparos, nunca esperei e, muito menos, que essa critica fosse feita por uma senhora numa folhinha!

Fialho de Almeida, o critico violento e impiedoso das «recitas de estudantes», não foi mais cruel e foi, seguramente, mais imparcial.

As desamaveis apreciações feitas por V. sobre os escolares de leis, misturadas com o panegirico dos estudantes de medicina são de tal ordem parciais que chegamos legitimamente a suspeitar de que a ex.ma D. Maria Fernanda sente uma especial, uma particular simpatia por algum ou, o que é mais grave, por todos os quintanistas de medicina!...

Ficamos-lhes com inveja! Como V. diz e agora com toda a razão—desconsolados!

Falta-me o tempo e sobeja-me o respeito que devo a V. para comentar desenvolvidamente o produto das *reflexões profundas e em série* tão pouco benevolentes e suspeitas com que a joven poetisa nos brindou de maneira tão suave e femenina...

Mas resta-me a consoladora ideia de que toda a tareia da «Folhinha» tem cura não chegando ao coração... dos estudantes de direito, um dos quais tem a honra de cumprimentar a severissima poetisa das «Danças de roda», aproveitando o ensejo para lhe testemunhar a mais alta consideração.

Ricardo Mota

PROVINCIAS

Em Coimbra

Gréve de padeiros

COIMBRA, 5.—Continua sem solução a gréve dos manipuladores de pão, que não é total. Algumas padarias estão a funcionar com o seu pessoal, que fabricam o pão suficiente para o abastecimento da cidade. Foi feita a prisão de alguns grévistas que pretendiam impedir que um seu camarada se apresentasse ao trabalho. As padarias estão guardadas por praças da G. N. R.

O manifesto Alvaro de Castro

O Partido Reconstituinte local mandou distribuir o manifesto do sr. dr. Alvaro de Castro.

Os correligionarios do ex-ministro da guerra afirmam a sua completa solidariedade politica e pessoal com o seu chefe e o seu partido.

Consta que o P. R. L. proporá como deputados por Coimbra os srs. drs. Alves dos Santos, Manuel Braga e Alves Matoso, de Montemór-o-Velho, e que os democraticos disputarão as minorias apresentando o nome do sr. dr. Pires de Carvalho.

Viajantes ilustres

De visita a Coimbra e á sua Universidade, estiveram aqui M.me Gabrielle Réval, romancista francesa, e seu marido, Mr. Fernand Fleuret, filologo e critico de literatura. Na sua visita á Universidade foram acompanhados pelo sr. dr. Manuel da Silva Gaio.

Festa de caridade

Um grupo de senhoras promove, ainda no corrente mês, uma festa de caridade no Jardim Botanico.

Em Ancião

Apreensão de azeite

ANCIÃO, 5.—A guarda republicana apreendeu 980 litros de azeite, no lugar de Pontão, deste concelho, quando Bernardino Augusto, do visinho concelho de Alvaiazere o conduzia para Coimbra, clandestinamente.

Administrador do concelho

Tomou posse do lugar de administrador deste concelho o sr. Antonio Fernandes de Sousa Ribeiro, que já exerceu identicas funções na situação sidonista.

Inspecção escolar

Esteve neste concelho em serviço de inspecção fiscal a diversos estabelecimentos fabris o inspector engenheiro industrial sr. José Tavares de Aragão.

Em Marvão

O problema das subsistencias

MARVÃO, 5.—Por mais discretos que nos propunhamos manter perante o grave problema das subsistencias dentro deste concelho, não devemos calar a indignação que se vai acastelando e donde já dimanam os surdos protestos que, ao rebentarem num dia talvez proximo, trarão consequencias muito desagradaveis.

A lei dos celeiros que por toda a parte onde o bom senso casado com um bocadinho de honra, tem dado optimos resultados acabando com vergonhosas especulações, entre nós, estes são contraproducentes, pois, á sombra da lei e sem respeito pela miseria, se vão praticando as mais escuras negociatas, cujos lucros a dignissima comissão vai somando e dividindo, enfileirando assim na lista dos novos ricos.

Na Regua

A proposta Pinder

Regua, 4

Todo o Douro aguarda ansiosamente o desfecho das negociações entaboladas entre o Governo e o sr. Pinder, representante de uma casa do Canadá, para a permuta de vinhos generosos por cereais e farinhas. Os jornais são diariamente procurados com avidez, tal o interesse que existe por saber do andamento da questão, e nota-se uma certa agitação entre os lavradores pois corre que por diversas formas se tem pretendido conseguir a desistencia do sr. Pinder, atribuindo-se esse proposito, com fundamento ou sem ele, á moagem da capital especialmente, por não lhe convir a realisação do contracto. Se esse contracto se efectuar, muitos milhares de pipas sairão do país, o que, vindo e muitissimo beneficiar especialmente esta região e de um modo geral a economia nacional, vem tambem livrar de apuros os lavradores, que vêm aproximar-se a vindima com as adegas cheias e não têm onde envasilhar o vinho novo. Problema de dificilima resolução este, se o contracto se não efectua. A efectuar-se, será a salvação de muita gente, que começa a viver angustiosamente, assoberbáda com dificuldades de toda a ordem.

Confia-se que o Governo prestará a este assunto toda a sua atenção, pois se porventura fracassarem as negociações encaminhadas e esse fracasso se atribuir a influencias estranhas, os animos exaltar-se-hão e não serão de estranhar acontecimentos graves que podem levar muito longe.

Pedido de um inquerito

Foram ou vão ser dirigidos telegramas aos ministro do Interior e general comandante da Guarda Nacional Republicana, assinados por numerosos habitantes da vila, de todas as cores politicas, pedindo um inquerito aos actos do sargento sr. Maximiniano Costa, comandante do posto da mesma Guarda, aqui estabelecido, que pelo seu procedimento provocador e indelicado se tem, no exercicio das funções do seu cargo, incompatibilisado com grande parte da população. A sua intervenção em qualquer questão ou principio de desordem que se esboce, longe de ser, como deveria, conciliadora e procurando apasiguar sempre que isso fosse possivel sem quebra de prestigio da autoridade, para o qual todos devemos contribuir, exerce-se sempre de uma forma violenta, aspera, que dispõe mal, e redunda em prejuizo do bom nome da corporação que representa, que tem por unica missão a manutenção da ordem, da qual deve ser uma segura garantia, e que começa a ser considerada como um elemento de desordem.

Administrador de concelho

Espera-se com certo interesse a nomeação do novo administrador do concelho. Presume-se que ela virá descontentar uma das duas facções em que aqui se divide o partido governamental.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 8—Resa-se 6 dia Infra da Oitava, simplex paramentos brancos, tudo como ontem. (São permitidas as missas de defuntos, ou votivas).

LAUSPERENE—Na igreja paroquial S. Sebastião da Pedreira, pelas filhas de Maria.

FESTIVIDADES—*Sé*, ás 11 côro, ás 12 missa e vesperas; S. Roque, ás 8 1|2 missa.

Santa Isabel—ás 12 horas, festa a S. Joaquim, com missa solene, por musica.

S. Sebastião da Pedreira—ás 12 horas, exposição do Santissimo em Lausperene, com missa solene por musica; ás 19 horas, Terços de Benditos, por musica.

TRESENA A SANTO ANTONIO—Com exposição do Santissimo por musica.

Martires, ás 9 horas.
Asilo Santo Antonio, aos Anjos, ás 18,30 horas.
S. Domingos, ás 19 horas.
Conceição Nova, ás 19,30 horas.
Estrela, ás 17,30 horas.
S. Nicolau, ás 20 horas.
Santa Isabel, ás 20,30 horas.
Monserrate (ás Amoreiras), ás 21 horas.

DISTRIBUIÇÃO DO SAGRADO LAUSPERENE.—Desde 8 de Junho até 8 de Julho de 1921.

Dia 8, igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira, pelas filhas de Maria.

Dia 10, igreja paroquial da Encarnação, (na Ameixoeira).

Dia 12, na Basilica da Estrela, por devoção do sr. Conde do Porto Covo.

Dia 14, na igreja do Loreto.

Dia 16, igreja paroquial Santos Reis, (no Campo Grande), por devoção do rev. prior e fieis.

Dia 18, igreja paroquial Nossa Senhora da Conceição, pela Associação da Senhora-Santana.

Dia 20, igreja paroquial do Socorro, por devoção do Conde de Figueira.

Dia 22, igreja paroquial S. João Baptista (no Lumiar).

Dia 24, igreja das Chagas de Cristo, por devotos de Nossa Senhora de Lourdes.

Dia 26, na igreja de S. João da Praça, por devoção do rev. prior e devotos do Coração de Jesus.

Dia 28, na igreja paroquial de S. Pedro, em Alcantara.

Dia 30, capela do Coração de Jesus, á rua Renato Baptista, aos Anjos.

Dia 2 de Julho, paroquial de Santa Isabel.

Dia 4, igreja paroquial S. Julião, pela irmandade S. Pedro e S. Paulo, aps.

Dia 6, igreja do Corpo Santo.

Dia 8, igreja paroquial Santa Maria Maior, pela irmandade do Santissimo Sacramento da Sé.

CASIMIRO VICTORIA CHAMIÇO
ADVOGADO
RUA GARRETT, 74 — Telefone 4186-C.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

CURIA
GRAND HOTEL
Aberto desde 1 de Junho. Este sanatorio é a 2 metres do Balneario. Culinaria á francesa. Dirigido pelo seu proprietario
Afonso Rodrigues Costa

Pinto & Sotto Maior
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Novidade literaria
LIMINAR
POR
MARIO ALVES PEREIRA
A' venda em todas as livrarias

NOVIDADE LITERARIA
A sensacional peça
ADÃO E EVA
de
JAIME CORTEZÃO
A' venda em todas as livrarias

LENHAS
Cortadas para fogão e postas á porta do comprador
Cepa, azinho e sobro, secos a 100$00 a tonelada. Pinho a 90$00 a tonelada. Peso garantido.
Rua da Junqueira, 200
Telefone C. 1882

TIJOLO
Vende aos mais baixos preços do mercado
C. B. ANÃO L.da
Rua da Junqueira, 200

TABACO
Tipo francês, de Lourenço Marques, a
Esc. 16$00 o quilo
Rua dos Sapateiros, 62, 3.º—LISBOA

Tabacaria Barbosa
Novidades literarias nacionaes e estrangeiras
Jornaes e publicações ilustradas
Telefone 2926-C.
Rua do Carmo, 67

JOIAS de bom gosto tem á venda a firma
BARRETO & GONÇALVES, L.da
(JOALHEIROS)
R. Eugenio Santos, 17

NO ESTRANGEIRO

O ENSINO NA AMERICA

Confirmação do scepticismo de Edison

Ao inquerito que o conhecido sabio abriu, responderam trezentos estudantes

141 preguntas indispensaveis para se considerar ter uma instrução geral — O filtro do pensamento não colaborará nas empresas do seu país

Thomas A. Edison, o famoso inventor americano não tem fé nenhuma no ensino que é administrado nas escolas superiores do seu paiz.

Entre nós acontece o mesmo; todos sabemos que, salvo rarissimas excepções, os alunos mais classificados, portanto aquelas que os mestres mais habilitados reputam, são na maior parte das vezes os mais incompetentes pela sua incapacidade intelectual, ignorancia e vaidade.

Quem vive no meio academico desde o liceu até aos cursos superiores tem visto sempre os «ursos» calarem-se diante duma demonstração, de duas outras palavras dum desclassificado e ás vezes dum reprovado sucessivas vezes; mostra que na vida pratica nunca são os altamente classificados que fazem carreira; não é raro encontrarmos criaturas sem cursos, darem provas duma competencia muito maior e ocuparem os primeiros lugares de profissões em que os habilitados pelas universidades ficam em segundo, em terceiro plano e ás vezes empregados em lugares para que nunca estudaram.

Edison, querendo provar isso mesmo, resolveu fazer um inquerito aos estudantes, no qual deveriam responder a 141 preguntas que ele considerava indispensaveis para uma ilustração geral.

Aquele que respondesse satisfatoriamente obtinha imediatamente um lugar nos laboratorios do sabio com honorarios variaveis entre 600 e 1.000 dolares, conforme as provas de inteligencia que depois dessem.

Mestres e alunos, que se julgaram competentes, classificaram a ideia de parvoice ou divertimento.

Entre as preguntas mencionaremos:

«Quem escreveu: «Hogar, dolce Hogar»?

Onde se encontra Kenosha?

Qual é a maior profundidade do Atlantico?

Qual o paiz que gastava mais chá antes da guerra?

Que autor inglês escreveu com mais pureza a sua lingua?

Que distancia há entre a terra e os seis maiores planetas conhecidos, e qual é a distancia entre eles?

Como se chama Deus em seis linguas distintas?»

Dos trezentos concorrentes só trinta responderam bem; os restantes nem metade souberam.

Entre os que não souberam está o filho do sabio, o qual se supõe que por isso não está admitido como colaborador nas empresas de seu pai.

A PEQUENA "ENTENTE"

Executando as clausulas do Tratado

LONDRES, 7.

Dimitroff, ministro do interior da Bulgaria, de regresso de Sofia, deteve-se alguns dias em Belgrado, onde teve uma entrevista com Pachich. Declarou que o objectivo da sua viagem a Belgrado era dar ao governo yugo-slavo a segurança de que a Bulgaria executa lialmente as clausulas do Tratado.—(R.).

NA ALEMANHA

A crise ministerial e a dissolução do "Reichstag"

A situação de gabinete Wirth

BERLIM, 7

Nos meios politicos prevê-se a possibilidade de uma crise ministerial e a dissolução do «Reichstag». Resulta, com efeito, das declarações feitas pelos chefes politicos que o Gabinete Wirth vai encontrar-se numa dificil situação, porque não contará mais que o apoio de uma maioria insignificante, se não chegar mesmo a ter minoria.—(R.).

NO REINO UNIDO

O Governo britanico e a questão da Alta Silesia

O proximo Conselho Supremo

LONDRES, 7

Confirma-se que o Governo britanico espera as informações de sir Harald Stuart, novo chefe da missão britanica na Alta Silesia, para responder á nota francesa que se refere á data da reunião do proximo Conselho Supremo.—(R.).

DE INGLATERRA

A proxima reunião do Parlamento irlandês

O juramento dos deputados e a eleição do Senado

(Serviço especial para o *Diario de Lisboa*)

LONDRES, 7.

A'manhã realizar-se há a 1.ª reunião do parlamento da Irlanda do norte. O Lord Lugar-Tenente assistirá á reunião da assembleia parlamentar na casa da camara de Belfast, para se fazer a eleição do Speaker e para se fazerem os juramentos dos deputados e a eleição do Senado.

Dizem de Belfast que o rei Jorge e a rainha Maria aceitaram o convite de assistir á abertura.—(U. P.)

O embaixador americano visitará Northamptonshire

Um busto de Washington

LONDRES, 7.

O embaixador americano na Grã-Bretanha, vae visitar o castelo de Sulgrave, no Northamptonshire, que foi habitação de Washington. A visita far-se há em 21 de Junho, e o embaixador descobrirá um busto do grande presidente.—(U. P.)

A greve dos operarios algodoeiros

A reunião do "comité"

LONDRES, 7.

Os operários algodoeiros, aceitaram o convite de se encontrar com o dr. Macnamara para discutir a sua situação, mas resolveram adiar as suas decisões até amanhã, depois da reunião do seu «comité».—(U. P.)

A situação do conflito mineiro

LONDRES, 7.

Os delegados dos mineiros e os proprietários das minas conferenciaram ontem de manhã durante uma hora, e conferenciaram de novo á tarde.—(U. P.)

EM CAEN

Um choque entre um comboio e um automovel

Morte do industrial Fournier

PARIS, 7.

O sr. Aquiles Fournier, gerente geral da fábrica Creusot, e um seu amigo, foram esmagados pelo comboio expresso quando passavam numa passagem de nivel próximo de Caen. O automóvel, em que iam, ficou despedaçado. A perda do sr. Fournier foi muito sentida nos meios industriaes.—(U. P).

NO CANADÁ

A nomeação do governador geral

OTAWA, 7.

A nomeação de Lord Byng, como governador geral do Canadá, foi recebida com grande entusiasmo em todo o dominio.—(U. P.)

DA ALEMANHA

Um crime misterioso

BERLIM, 7.

Henrique Walden, idolo dos teatros desta cidade, foi encontrado morto com o seu enteado. Tinham as arterias cortadas. Misses Walden, que se encontrava com ferimentos identicos, parece que não escapará.—(U. P.)

A POLITICA INGLESA

A opinião americana e Lloyd George

Um artigo do "New-York Herald", reproduzido em mais de duzentos jornais

O imperialismo francês—A questão da Siria — A convenção Picot e os quatorze pontos de Wilson—A influencia francesa e o plebiscito da Silesia

Lloyd George, falou na Camara dos Comuns e disse coisas de que a esta hora deve estar muito arrependido.

Tinha um fim: obter mais vantagens para a Inglaterra, á custa da França, á custa dos outros aliados todos, fim que sempre dominou a sua politica.

Para isso era preciso que a opinião americana estivesse do seu lado: não hesitou em o afirmar.

Logo a seguir a America mandou-lhe aquele rebuçado amargo, participando-lhe que tinha deixado de pertencer á corôa inglesa ha muito tempo e que sabia exprimir por si as suas opiniões.

Lloyd George perdeu muito em fazer abriu os olhos aos que não tinham visto bem até agora.

Para o verificarmos basta lêr esta passagem do artigo que um dos maiores jornalistas americanos acaba de publicar no «New-York Herald», reproduzindo «in extenso», no memo dia em mais de duzentos jornais americanos:

«Desde a conferencia de Paris que os homens de estado ingleses têm procurado continuamente diminuir a França, empregando a America e a Italia como instrumentos.

Eu estava em Paris durante a Conferencia da Paz e admirava-me de ver que todos os correspondentes americanos eram continuamente solicitados para atacar o imperialismo francês.

Depois de averiguações descobri que nos bastidores havia uma batalha por causa da Siria. Para resistir aos direitos da França, estabelecidos pela convenção Picot, os ingleses invocavam os 14 pontos de Wilson e faziam uma propaganda encarniçada por toda a parte, contra os franceses, tentando persuadir os americanos de que a França estava alheia de ideias de militarismo e imperialismo.

Contradição estranha, os ingleses queriam então um plebiscito na Siria, porque não queriam a presença dos franceses.

Não querem plebiscito na India, na Irlanda e no Egito, porque aí estão eles proprios. Não querem que o plebiscito da Silesia possa aproveitar á influencia francesa.

Visto que vamos retomar o nosso logar na Europa, desconfiemos dos nossos primos. Na Conferencia da Paz fomos só os instrumentos da politica inglesa, porque os ingleses foram bastante habeis para estudar não só os 14 pontos, mas Wilson mesmo.

Porque o nosso voto, hoje, será decisivo, tememos cuidado!»

O "Paris" é o maior transatlantico francês

A sua primeira viagem

PARIS, 7.

As experiencias do transatlantico «Paris» que é o maior vapor francês foram retardadas dois dias. O navio não chegará ao Havre antes de dia 1. A sua primeira saida para New-York será no dia 15.—(R.).

A CAMARA E A COMPANHIA CARRIS

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. Freire de Andrade

"Que os numeros da Camara estão errados" — "Que a Companhia perde dinheiro" — "Que a solução da greve depende apenas das resoluções tomadas pela Camara"

Lisboa continua sem electricos, á espera de uma solução airosa do conflito que estalou novamente entre a Camara e a Carris. A greve parece mesmo ter uma importancia secundaria para a resolução final do problema viação acelerada. Logo que se resolva o conflito, resolve-se a greve — é a opinião dos entendidos.

O engenheiro sr. Freire de Andrade, um dos directores da Companhia Carris, disse hoje ao «Diario de Lisboa» as razões que motivaram o novo pedido de aumento de tarifas.

—A razão é muito simples, embora a Camara Municipal não a queira ver tal qual ela é: a Companhia perdeu o ano passado 2.840 contos. Nos meses de Janeiro e Fevereiro deste ano as perdas elevam-se a mais de 200 contos. Em Março e Abril a situação melhorou. No entanto, a Companhia tem que pagar o juro das obrigações; de contrario pode ser declarada falida.

—A Camara Municipal afirma, entretanto, que a Companhia não perde dinheiro...

—Os numeros que o sr. José dos Santos apresentou á Camara são apenas previsões, que ele vê côr de rosa. Os prejuizos é que são efectivos. O sr. compreende que a Companhia não pode satisfazer as suas despesas com previsões...

—E qual é a opinião de V. Ex.ª sobre o aumento ao pessoal?

—O aumento é justificavel porque realmente o que recebem é pouco, e só trabalhando aos domingos conseguem ter salario dobrado. Esse aumento deveria ser maior? deveria ser menor? E' um assunto a discutir entre o pessoal e a companhia, e ele dirá de sua justiça.

—Quais são as despesas da Companhia em Londres?—perguntámos ao sr. Freire de Andrade.

—A Companhia gasta em Londres, pagando despesas de escritorio, advogados e directores, cerca de 8.000 libras. A totalidade dos impostos pagos ao governo inglês é de 200 libras por ano. Quando se souber que essa despesa antes da guerra era de 12.000 libras, vê-se bem o espirito de economia que a Companhia tem mostrado, começando a reduzir as despesas pela direcção.

—E o conflito...

—Ah! sobre o conflito estamos convencidos que a Camara virá a reconhecer o erro das afirmações que lhe têm sido feitas, vendo que as contas da Companhia são a expressão absoluta da verdade; como, de resto, já o reconheceram as comissões da Camara que ali foram inspeccionar a escrita e a do governo, que era presidida pelo ilustre contabilista sr. Santos [illegible]to. Estamos convencidos que o sr. dr. Augusto Soares, cujo relatorio não conhecemos ainda, mas que tem um alto espirito de justiça, devia ter chegado ás mesmas conclusões.

—E a solução da greve...

—Essa depende apenas das resoluções da Camara; e bastará dizer que não há cidade nenhuma no mundo tão dificil para transportes como Lisboa e nenhuma onde o preço dos electricos seja tão barato. Esperamos que a Camara se convença disso e nos dê meios de poder viver, para vantagem de todos.

—Afirma-se que a Companhia tem uma certa relutancia em se aproximar da Camara...

—Não é verdade. Da parte da Companhia não há absolutamente nenhuma relutancia em se aproximar da Camara para a solução do conflito. Posso dizer-lhe até que os oficios que lhe temos dirigido sobre o assunto, desde 28 de Abril, se me não engano, têm ficado sem resposta. Nem nos têm chamado a qualquer conferencia, a que teriamos logo concorrido.

—Diz-se ainda que nem todos os [illegible] da escrita estão em Lisboa...

—Absolutamente todos.

—Alega-se tambem que o preço [illegible]vão não tem aumentado...

—Não é tanto assim. Uma [illegible] carvão custava 100 escudos; [illegible] aumentou para 175, se não [illegible].

O sr. Freire de Andrade [illegible] dando por terminada a nossa [illegible], e foi assinar um oficio, em que a Companhia pede á Camara Municipal [illegible] proposta aprovada em sessão [illegible] de poder elaborar uma resposta.

A Carris tem todo o interesse em resolver o conflito com brevidade.

TEATROS

Salas

A época de verão no Eden-Teatro inaugura-se no proximo dia 27 do corrente com a peça nova de grande espectaculo «Arco Iris», fantasia em 2 actos, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, posta em scena com o maior deslumbramento e representada pela companhia de revistas, de Antonio de Macedo, Limitada, da qual são principais figuras os artistas Carlos Leal, Teodoro Santos, Alberto Ghira, Umberto do Amaral, Alfredo Silva, Julieta Rodrigues, Ema de Oliveira, Dinah Stichini, Maria Sousa, Angela de Barros, etc.

Reclamos

NACIONAL—Hoje é deveras sensacional o espectaculo do Nacional, visto ir á scena o «Hamlet», que não voltará a repetir-se. Nessa famosa peça, teve Brazão uma das suas mais brilhantes corôas, entrando tambem na interpretação Joaquim Costa, Maria Pia, Stichini, Luiz Pinto, Henrique de Albuquerque, Rafael Marques e Erico Braga.

S. LUIZ—Hoje, realisa-se a festa de confraternisação luso-brasileira dedicada ao Brasil com uma linda concerto em que tomam parte os principais artistas de canto e outros deste teatro. Além de um acto da opereta «O Reisinho», ha uma belo programa de canto e de concerto.

GIMNASIO—«Adão e Eva», a sensacional peça que tem chamado a atenção geral, repete-se hoje. Alves da Cunha continua sendo muito apreciado na parte de protagonista, que interpreta magistralmente.

AVENIDA—Hoje, em 2.ª recita de assinatura, vai á scena a delicada comedia «Pipiola», em que a ilustre artista Palmira Bastos tem uma das suas mais brilhantes creações. No desempenho da interessantissima peça, que é original dos irmãos Quintero, e traduzida pela sr.ª D. Alice Pestana, tomam tambem parte Ester Leão, que reaparece ao publico de Lisboa, Samwel Diniz, que interpreta o principal papel masculino da peça.

POLITEAMA—Continua no Politeama a obter o mais extraordinario exito a lindissima e já celebre opereta «Amor de Apaches», que toda a companhia Satanela-Amarante representa primorosamente. Repete-se hoje para enchente igual á que ontem obteve. Brevemente faz-se a «reprise», como temos dito, de «Misse Dinah», das mais interessantes originais portugueses que entre nós se tem representado.

APOLO—A linda fantasia-revista «Porto, tantos de tal» faz a fortuna dos seus autores, dos colaboradores destes e do emprezario do Apolo. As enchentes sucedem-se ás enchentes e o publico não se cansa de aplaudir os interpretes.

SALÃO FOZ—Hoje continua no cartaz e esplendido «Trolaró», aumentado com o seu [illegible] quadro novo «O delirio do opio», em que tanto se distinguem os acrobatas Suzana e [illegible].

COLISEU DOS RECREIOS—[illegible] um extraordinario sucesso a revista [illegible] que a grande companhia franceza [illegible] no Coliseu dos Recreios e que é [illegible] mais graciosa, mais original e [illegible] os tempos. Com um desempenho magnifico, com numeros cheios de originalidade, com [illegible] e harmoniosa, com bailados interessantissimos e movimentados, com um rico e luxuoso guarda-roupa, com um scenario deslumbrante e [illegible] de acto surpreendentes, a revista [illegible] está constituindo as delicias do publico da capital.

CARTAZ

Nacional—A's 21, «Hamlet».
S. Luis—A's 21, «O Reisinho», recita em homenagem ao Brasil.
Gimnasio—A's 21-30, «Adão e Eva».
Avenida—A's 21, «Pipiola».
Politeama—A's 21,30, «Amor de apaches».
Apolo—A's 21,30, «Porto, tantos de tal...»
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Teatro dos Anjos—A's quintas feiras, sabados e domingos—A recita [illegible].
Teatro Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segunda e quintas-feiras, «A Rosa do Jardim».
Coliseu dos Recreios—A's 21,30, Espectaculo pela grande companhia franceza de revista.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

AUTOMOVEIS

Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.

Ultimas Noticias

DOS ESTADOS UNIDOS

A tempestade do Colorado

NEW YORK, 7.
Devido á tempestade de Colorado, deram entrada nos hospitaes quinhentas pessoas, vitimas de desastres.—(U. P.)

Carreiras anglo-americanas

NEW YORK, 7.
O «Olimpo» bateu o «récord» de trafico de passageiros da America para a Inglaterra, conduzindo três mil pessoas.—(U. P.)

A QUESTÃO DA ALTA SILESIA

O criterio do governo polaco vai ser exposto aos governos aliados

VARSOVIA, 7
Dentro em breve sairá para as capitais dos paizes aliados uma delegação polaca que exporá o criterio do governo da Polonia ácerca da Alta Silesia.—(R.).

GREGOS E KEMALISTAS

Guerra de morte

LONDRES, 7
Segundo um telegrama de Constantinopla, o comandante em chefe das forças kemalistas publicou uma proclamação na qual se diz que todos os subditos gregos que se façam prisioneiros na proxima ofensiva serão executados no proprio acto.—(R.).

Noticias da marinha

Cruzador "S. Gabriel,,

Foi exonerado de imediato do cruzador «S. Gabriel» e nomeado sub-chefe da 4.ª repartição da 4.ª direcção geral de marinha, o capitão-tenente sr. Artur Teixeira.

Pessoal dos Transportes Maritimos

Foi determinado que o pessoal do comissariado em serviço nos Transportes Maritimos, que não recebe ali os seus vencimentos, deverão recebê-los pelas unidades a que pertencem.

Direcção Geral de Marinha

Foi exonerado de ajudante de ordens do almirante-director geral da 2.ª direcção de marinha, o 2.º tenente sr. Teixeira Botelho.

Condessa de Vinhó e Almedina

Realizou-se hoje na Sé de Coimbra, uma missa, sufragando a alma da ilustre titular sr.ª condessa de Vinhó e Almedina, mandada rezar pela comissão organizadora das recitas que naquela cidade se realizaram o mês passado pelo grupo de amadores de Lisboa, á frente do qual se encontrava a pobre titular.

Celebrou o acto s. ex.ª rev.ma o sr. Bispo Conde, e fez-se ouvir no côro o grupo de senhoras que cantaram nas recitas a «Mireille».

O acto foi concorridissimo, assistindo tudo que melhor conta Coimbra.

Além-mar

Vai ser extinta a repartição de abastecimentos de Moçambique

O Alto Comissário de Moçambique, vae terminar com a repartição de abastecimentos, por esta não corresponder ao fim para que foi creada.

Um credito para os trabalhos de irrigação e drenagem no Limpopo

Foi aberto um credito para a execução dos trabalhos de irrigação e drenagem do Vale do Limpopo, e levantamento da foz e barra do rio do mesmo nome.

A aviação em Angola

Vae ser contractado vário pessoal de aviação para seguir para Angola, visto os serviços ali estarem em parte já montados.

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	7 1/4	6 3/4
» 90 dias	7 3/8	—
Cambio Rio s/Londres	8 1/4	—
Paris	710	732
Italia	423	454
Belgica	700	732
Suissa	1493	1604
Madrid	1120	1205
Berlim	130	144
Holanda	2929	3147
New-York	8690	9398
Desconto do Banco de Inglaterra	6 1/2	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	—	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	37000	39000
Agio do ouro	700 0/0	7[illegible]0 0/0

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: (Nas termas.
(Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º